A poesia de Evtuchenko, um sucesso.

O poeta russo lotou o teatro do Copacabana Palace em um despojado recital que teve a presença da atriz Dina Sfat, declamando os poemas em português e emocionando autor e platéia. Por Isa Cambará.

Evtuchenko: beijo emocionado em Dina.

Para um país supostamente avesso à poesia (apesar do número, cada vez maior, de aspirantes a poetas), o resultado foi excelente. Numa segunda-feira próxima do carnaval — semana que o carioca tradicionalmente dedica a prazeres mais terrenos — o poeta russo Eugenio Evtuchenco conseguiu lotar o teatro do Copacabana Palace com um despojado recital de poesia. Ao contrário do que alguns esperavam — e outros temiam — Evtuchenco, mesmo falando em russo (a atriz Dina Sfat lia os mesmos poemas em português), foi um sucesso. Apesar de uma forte concorrência: na mesma noite, a jovem Crika Ohana (irmã de Cláudia e que se descreve como um misto de poeta/atriz/trapezista e cineasta) prometia desfilar nua pelas ruas de Ipanema, enrolada numa cobra e declamando um poema com o sugestivo título de "Me Arde".

Não se sabe se Crika chegou a incendiar ou não seu público, mas Evtuchenko fez bater mais forte o coração de uma platéia eclética, que reunia poetas como Afonso Romano de Sant'Anna, Olga Savary, Geraldinho Carneiro, editores como Pedro Paulo de Senna Madureira, velhos e anônimos russos residentes no Rio, gente da embaixada soviética, jovens quem nem tinham nascido quando Evtuchenko escrevia sua **Autobiografia Precoce**. Além, naturalmente, de alguns militantes do PC. Os chamados "comunistas históricos", no entanto, não apareceram. Provavelmente, guardavam forças para comparecer, mais tarde, à recepção oferecida ao poeta por Oscar Niemeyer.

Não sabem o que perderam. No mínimo, teriam descoberto de onde saiu a inspiração para a crescente onda de concertos e **performances** de poesia que assolam os bares, as praias e, depois de Crika Ohana, até as ruas do Rio. Com a vantagem de que a poesia de Evtuchenko tem um nível de qualidade raramente presente nos poetas cariocas, a maioria dos quais (não por acaso) inéditos.

Grande parte do público presente ao Copacabana Palace não conhecia muito da poesia de Evtuchenko (até porque sua bibliografia brasileira se resume a três títulos, sendo um único de poesia), mas parecia ávido por isso. Antes do início do espetáculo, já tinham sido vendidos cerca de 70 exemplares de sua **Autobiografia Precoce**, que não contém poemas, mas prosa. Quando o poeta surgiu no palco — precedido de Dina Sfat, também acolhida colorosamente — foi recebido com palmas entusiasmadas e assovios.

A atriz — que, dessa maneira, voltou aos palcos do Rio depois de uma longa ausência — começou, imediatamente, a ler um poema da safra lírica de Evtuchenko, "Dorme, Amor". Só depois de terminada a leitura, ele dirigiu-se, em espanhol, ao público, falando do prazer em estar no Brasil, da "vergonha" de não falar português e do temor de que os poemas perdessem com a tradução. O medo, como se viu depois, era infundado.

Durante uma hora e meia, Dina Sfat e Evtuchenko dividiram o palco e o tempo, com nove poemas, alguns líricos, outros francamente políticos. Entre a leitura perfeita de Dina e a interpretação do poeta, um abismo de diferença. Na voz da atriz brasileira, mesmo nos momentos em que ela quase chegou às lágrimas (como quando leu o famoso "Babi-Iar", traduzido em 72 línguas e que fala do massacre de judeus na Polônia), uma emoção controlada. Já Evtuchenko, dentro da tradição oral de seu povo, soltou os cachorros. A grandiloqüência natural de sua língua, juntou os gestos largos, a entonação dramática e ou irônica, a indignação.

Entre os poemas escolhidos, um quase levou o público ao delírio, "Monólogo de uma atriz" (". Não há papéis que prestem. E sem bons papéis, a vida é podridão. Mais nada..") à medida em que Dina Sfat lia, sua figura bonita parecia crescer no palco. Ao ler as frases finais ("Não exijo o sangue de ninguém. Exijo um papel que preste."), sua voz vibrava, o que levou Evtuchenko a dizer: "Quando escrevi esse poema, não conhecia Dina. Mas, me parece, agora, que o fiz especialmente para ela".

Aparentemente, ninguém duvidou da sinceridade da declaração, ovacionada. E, para os mais participantes, um presente dos céus: Evtuchenko disse, em espanhol, uma poesia que escreveu nessa língua, em homenagem a Che Guevara, "A Chave do Comandante". O poema crítica a exploração "consumista" da imagem do Che e os mais radicais poderiam classificá-lo de "panfletário". No Copacabana, dividiu o público. O editor Pedro Paulo de Senna Madureira, da Guanabara (que pretende editar uma antologia do poeta, brevemente), declarou-se francamente a favor da obra lírica do russo: "Não colocaria a homenagem ao Che entre seus melhores trabalhos". Em compensação, o jovem poeta Bruno Cattoni, um dos pioneiros na organização dos concertos/poesia no Rio, prefere, ao vivo, o Evtuchenko político:

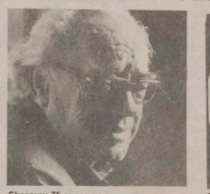
— O espetáculo, em sua essência, é belíssimo, mas eu acho a maneira de ele recitar meio ultrapassada. Esse gestual, essa grandiloqüência favorecem só o poema político, que cresce, de maneira impressionante, no palco. Nos poemas líricos, ele deveria usar mais recursos cênicos.

É improvável que o poeta aceitasse apelar para luzes coloridas, figurinos especiais ou a nudez total (como sua colega, Crika Ohana). Afinal, foi com as mesmas armas usadas no Copacabana que se transformou no poeta vivo mais popular de sua terra. Ele já chegou a reunir, na praça Maiakoviski, em Moscou, 35 mil pessoas. Um público para poeta brasileiro nenhum botar defeito.

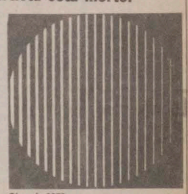
Isa Cambará

CHAROUX

Último enfarte. E o artista está morto.



Charoux: 75 anos.



Obra de 1972

Mais um enfarte, e o artista plástico Lothar Charoux não agüentou. Tinha sobrevivido a uma série deles. O amigo, gravador e escultor Odetto Guersoni não soube precisar se foram sete ou oito. O certo é que este último, ocorrido no domingo, matou Charoux aos 75 anos. O enterro foi ontem de manhã, no cemitério das Goiabeiras, na Lapa, não muito longe de onde viveu e trabalhou nos últimos 40 anos.

Indiscutivelmente um dos nomes mais sólidos da arte que se fez em São Paulo a partir dos anos 50, Charoux será lembrado também como uma das personalidades mais queridas de seu meio. Não só pelas qualidades de seu temperamento, mas por ter percorrido todo um roteiro que o levou do figurativo à mínimal art, apoiado na coerência e numa lógica cristalina.

Charoux, apesar de praticamente não ter nenhum sotaque ao falar, era só naturalizado brasileiro. Chegou aqui em 1928, aos 16 anos, vindo de sua Viena natal. Veio a chamado de sua mãe, costureira de uma companhia teatral austríaca, que excursionou por Santa Catarina. Aprendeu português lendo jornais, foi vendedor, garçom e tentou até uma carreira malsucedida de hoteleiro em Mato Grosso.

A aproximação com a arte aconteceu no começo dos anos 40, aqui em São Paulo, no Liceu de Artes e Ofícios. Lá Charoux conheceu Waldemar da Costa, em cujo ateliê aprendeu a pintar. Em 1942 fez sua primeira exposição e, fora algumas tentativas abstratas já a partir do ano seguinte, até o começo dos anos 50 Charoux manteve-se praticamente figurativo. Segundo depoimentos do próprio artista, em diversas ocasiões, ele procurou seu caminho no expressionismo, no impressionismo, no cubismo e no surrealismo. Até que chegou à geometria.

Em 1955 ele fez parte da mostra **Ruptura**, no Museu de Arte Moderna, que lançou as bases do **Concretismo**. E, com o mesmo grupo, fundou a galeria Novas Tendências, onde expunham e se reuniam. Nos anos seguintes Charoux foi aprimorando seu trabalho, baseado no princípio que ele mesmo intitulou de "equilíbrio restabelecido". Foi dos mais bem-sucedidos artistas a trabalhar com os efeitos e vibrações da op-art, e por isso, injustamente ligado a Vasarely. No final dos anos 70, quase 20 prêmios depois, suas obras tinham chegado ao despojamento total da minimal art.

Em 1974 o Museu de Arte Moderna lhe dedicou uma retrospectiva de 300 obras, comemorando seus 30 anos de arte. Naquela época, Charoux já tinha enfrentado quatro enfartes, e afirmava, em seu ateliê do Alto da Lapa: "Espero a morte criando". Ele teve bastante tempo para criar. A morte se fez esperar mais de doze anos.

O enterro do cantor da Revolução dos Cravos

"Sua vida foi um hino à liberdade, a expressão da resistência de todo um povo à ditadura." A manifestação é do Partido Socialista Português, sobre a morte, na segunda-feira, do cantor e compositor José Afonso, conhecido em todo Portugal (e em parte da Europa e da América Latina) como Zeca Afonso. Milhares de pessoas, parte delas levando um cravo vermelho nas mãos, desfilaram diante do esquife do cantor, que sempre se posicionou contra o salazarismo e o colonialismo, sem, entretanto, jamais filiar-se a um partido político. Sua canção "Grandola, Vila Morena" tornou-se, durante a Revolução de 25 de Abril de 1974, um segundo hino nacional. Zeca Afonso morreu aos 57 anos. Ele sofria há cinco anos, de uma doença muscular. Foi enterrado na cidade de Setúbal.

ELDORADO

Três prêmios. Com voto popular.

Quem não deu boas risadas com o contraste entre o tom debochado de Roger, do Ultraje a Rigor, e a afinação carioca de Lúcio Alves, na peça publicitária que anunciava a criação do **Caderno 2** (suplemento de **O Estado de S. Paulo**), em rádio e TV?

Pois é. Por essa sonorização e outras duas — a do "Passarinho 2", da Zorba, e a "Pequena Saudável", da Centrifuga Wallita — o Estúdio Eldorado acaba de receber, em três categorias, o 1º Prêmio Voto Popular, organizado por Rafael Sampaio, editor-chefe das publicações **Brief** e **Briefing**.

Este prêmio traz uma inovação. Segundo Renata Quina de Siqueira, promotora de eventos da **Brief**, este é o primeiro "prêmio a nível mundial em que o próprio consumidor julga as peças". Explica-se: geralmente feitas de e para o público publicitário, as peças inscritas em concursos do gênero são eleitas por especialistas do ramo. Desta vez, no entanto, foram escolhidos, entre 500 entrevistados, 23 pessoas que "representam todas as parcelas da nossa sociedade", explica Renata: classes A, B, e C; entre 10 e 40 anos; homens e mulheres. A análise de cerca das 400 peças inscritas nas 31 categorias obedeceu a dois parâmetros: assim, além da votação normal, sempre que era escolhida por um representante considerado como pertencente ao público-alvo — já especificado pela agência — os pesos do voto para determinada peça eram elevados.

O Estúdio Eldorado foi premiado por trilhas (fonogramas) em três categorias: Moda 2 (tecidos, acessórios...), com a peça "Passarinho 2", da Zorba; na categoria Eletrodomésticos, com "Pequena Saudável", da Centrifuga Wallita, criado pela SSC&&B Lintas — que recriá "O Que é que a baiana tem", de Caymmi, com letra de Flávio Augusto e Paulo de Tarso; e, finalmente, na categoria Produtos e Serviços Culturais, com "Caderno 2", criado pela McCann-Erickson. É uma paródia de "Teresa da Praia", de Tom Jobim, com letra de Luis Orquestra e Camilo (ambos da McCann).

Em todas as peças premiadas, os arranjos são de Flávio Augusto, do Estúdio Eldorado. Na última segunda-feira, às 19h30, no Cine Gazeta, os prêmios foram entregues a Flávio Augusto, Roberto Bueno Rocha (coordenador geral do Estúdio) e por João Lara Mesquita (diretor da rádio e estúdio Eldorado).

VÍDEO

A imprensa no Brasil, desde o início.

Em março próximo possivelmente em Brasília e com a presença do presidente José Sarney, o Grupo Machline (Sharp, SID e Digibanco) vai fazer o lançamento oficial de um grande trabalho de pesquisa sobre a história da imprensa no Brasil que, com o título de **Impressões do Brasil**, será apresentado em vídeo e em livro. São duas mil cópias em fita cassete e cinco mil exemplares da obra que o Grupo Machline pretende oferecer às empresas jornalísticas, bibliotecas, faculdades e escolas, numa campanha institucional que visa marcar o seu nome junto a um empreendimento cultural que não tem relação com a Lei Sarney, pelo simples fato de que foi concebido antes dela.

Os "pais" desse projeto são Mimito Gomes e Ricardo Carvalho, a dupla de proprietários da produtora Manduri, que estão envolvidos com a história da imprensa há mais de um ano, mobilizando uma equipe de 70 pessoas e uma empresa especializada em pesquisas a fotografia, de Wladimir Sachetta e Paulo Cezar Azevedo.

— Para chegarmos ao produto final de uma hora e quarenta de duração, nós tivemos que editar 105 horas de gravação, fora as outras 60 de áudio que foram entrevistas preliminares que fizemos com gente como Otto Lara Resende, Mário Quintana, Antonio Callado etc. Os trabalhos de edição final somaram 250 horas. O que nós conseguimos disso tudo, faço questão de frisar, é apenas uma das muitas histórias da imprensa brasileira.

Impressões do Brasil é um vídeo que registra essa história desde o início, quando o primeiro jornal brasileiro — impresso na Inglaterra — chegava clandestino até nós, como um verdadeiro contrabando. Dali em diante, a imprensa atuou bravamente contra a censura alterando momentos onde era possível exercer a liberdade com outros onde era necessário criar um tumultuante jogo de cintura para resistir.

— No Momento em que tivemos de definir os critérios históricos que usaríamos, optamos pelo pioneirismo — o primeiro jornal, a primeira repórter, a primeira televisão e assim por diante — lembra Ricardo Carvalho.

Impressões do Brasil apoiou-se ainda no depoimento de testemunhas vivas da história, ouvindo os veteranos e famosos jornalistas como Alberto Dines, José Hamilton Ribeiro, Júlio e Ruy Mesquita, Mino Carta, Mário Quintana, Tico-Tico, José Ferreira Pontes, Cláudio Abramo. Narrada por Lima Duarte, a história da imprensa brasileira se estende também pelo rádio e pela televisão, lembra da importância do Pasquim, resgata a figura de Cipriano Barata (um jornalista que vivia sendo preso e que levava consigo para a cadeia a sua impressora), registra a presença dos grandes impérios da área de comunicações, e recria em estúdio o primeiro programa de TV a ir para o ar, com o antológico beijo entre Yara Lins e Walter Foster.

SAÚDE É TÃO IMPORTANTE QUE DEVERIA CONSTAR NO BALANÇO DE SUA EMPRESA.

Não importa o tamanho da empresa que você dirige. Não faz diferença o tipo de atividade a que você se dedica. Investir na saúde de seus funcionários é a melhor opção para manter elevados os índices de produtividade de seu pessoal. Gente com saúde tem mais disposição para o trabalho.

Mais de 3.000 empresas já confiaram à Golden Cross a tarefa de proteger a saúde de seus funcionários e de suas famílias.

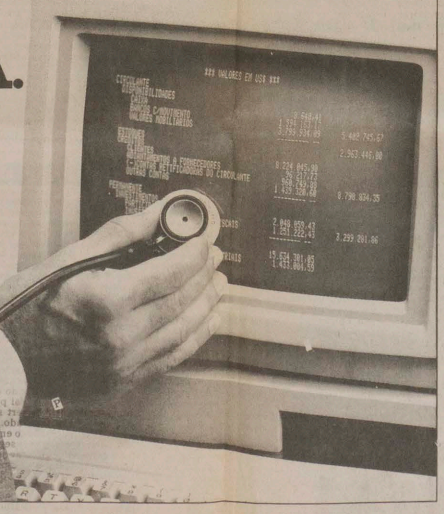
Entre elas você vai encontrar empresas de grande porte, algumas até com mais de 20.000 pessoas e outras, autênticas micro-empresas, com apenas 15 funcionários. Para todas elas o Plano Dame oferece diversas soluções.

São 5 diferentes alternativas através do Plano Dame Executivo V, IV, III, II e I especial para Presidentes, Diretores e Gerentes, bem como outras duas opções, ideais para Supervisores e demais funcionários.

Em síntese, o Plano Dame oferece a maior rede médico-hospitalar da América Latina: são mais de 10.000 médicos em consultórios particulares, 900 hospitais, 600 laboratórios e 400 Raios X.

A adoção do Plano Dame gera um aumento indireto de salários e possibilita incorporação do mesmo nos custos operacionais de sua empresa.

Ponha este assunto em pauta na próxima reunião de sua Diretoria. E conte com o Plano Dame da Golden Cross para proteger o maior capital de sua empresa: sua força de trabalho.



DAME
Divisão de Assistência Médica as Empresas

Golden Cross
ASSISTÊNCIA INTERNACIONAL DE SAÚDE
Saúde em primeiro lugar.

Informações em São Paulo: 255-7000, no Rio: 220-3104; demais Estados ligue grátis (021) 800-3070.

EMAGREÇA s/DROGAS e s/FOME
Dr. Eliezer Zac · F: 884-0009/0404 · C.R.M. 19.826

Ev. É VIDA